

Editorial

Encontramo-nos, hoje, numa fase nova da humanidade. Todos regressamos à casa comum, à Terra: os povos, as sociedades, as culturas e as religiões: todos trocamos experiências e valores. Todos nos enriquecemos e nos completamos mutuamente. A Terra é, sem dúvida, um Bem comum. Todos os problemas terão pois que ser abordados a nível nacional e tratados a nível planetário e a sua solução tanto nacional como mundial: lixo, efeito de estufa, camada de ozono, controlo de Co2, transgénicos, diversidade biológica, populações confrontadas com problemas de sobrevivência, outras, pelo contrário, com excesso de riqueza, erosão dos solos, desertificação, qualidade da água e ameaça de escassez, alterações climáticas, etc... etc...

Fala-se muito em desenvolvimento sustentável, correctíssimo, o pior é que quem mais contribui para a “insustentabilidade” é quem com falinhas mansas apregoa e não faz! Como contrariar tais impulsos perniciosos, não será impossível, contudo difícil: organizando espaços de debate, de partilha de informações e veiculá-los o mais possível. A ASPEA ao dar o título a estas jornadas, “Terra um Bem Comum” Não foi só por que a UNESCO assinalou 2008 como o Ano Internacional do Planeta Terra, mas também porque os problemas ambientais se agudizam de dia para dia no nosso Planeta. Temos todos que encontrar uma abordagem humanística dos problemas ambientais não discutando obviamente o bem saber, a pesquisa e a formação. Estocolmo, Rio mais 10, Quioto e Báli foram marcos importantes para as nações desavindas algumas por problemas económico-sociais. Nessa linha de pensamento não poderemos esquecer o valioso contributo dos Princípios da Carta da Terra que potencializam todos os valores que nos dão suporte á VIDA.

Temos que nos unir com vista à mudança de alguns valores, atitudes nocivas e da concepção do mundo cada vez mais economicista. Pela frente deparam-se terríveis desafios: o duplo desafio da educação e da comunicação ambiental, entendido a nível Planetário. Contudo, também não devemos cair no catastrofismo, porque empobrece as relações humanas e assusta os mais jovens.

Como disse Michèle Sato “o ambiente floresça em seus perfumes e que a educação ambiental seja sempre uma Ciranda”.

É pois agora altura de desejar a todos um bom e profícuo trabalho e que os nossos laços de fraternidade solidária se venham a fortalecer.

Maria Eugénia Cochofel